

Ação, sentido e linguagem: essência da motricidade humana

Sérgio Oliveira dos Santos¹

Resumo: Este ensaio é parte do seminário apresentado no Colóquio do programa de pós-graduação em Ciências da Religião e Educação (Doutorado - UMESP). Propõe uma análise da relação filosófico-antropológica da motricidade humana com a ação, o sentido e a linguagem e suas implicações com a educação do *ser-em-movimento*.

Palavras Chave: Motricidade humana; Ação; Sentido; Linguagem.

Abstract: This essay is part of the presentation to the Colloquium of the Graduate program in Religion Studies and Education (PhD - UMESP). It proposes an analysis of the philosophical-anthropological relationship of human motricity with action, sense and language and implications to education of "*being in movement*".

Keywords: Human motricity; Action; Sense; Language.

*"A essência da motricidade humana
é o sentido, a significação, a intenção"*
(SERGIO, 1999a, p. 24)

Introdução

O que é motricidade humana? Como podemos compreendê-la e interpretá-la? Qual sua ligação com a linguagem? Como as ações humanas transformam-se em surpreendentes formas de expressão do corpo? Como a educação tem explorado a motricidade humana e em que medida tem (*des*)valorizado essa significativa dimensão da corporeidade?

Diferentes caminhos de interpretação podem advir dessas questões segundo a maneira como o tema é abordado. Isso é metodologicamente desafiador já que a motricidade humana pode ser observada e analisada por diversos prismas pela sua característica de natureza complexa. Assim, não se pretende nesse ensaio compreender a realidade em sua totalidade, mas, a partir de uma criteriosa reflexão, nomeá-la dentro do que nos permite a linguagem numa perspectiva de compreensão ajustada e pronta a conviver com naturalidade do entrelaçamento entre o *bios* e o *logos* (SERGIO, *sd a*, p.78), ou seja, entre as potencialidades biológicas e as possibilidades culturais do ser humano.

Em consideração a esse aspecto adotaremos a perspectiva da antropologia filosófica com uma orientação hermenêutica, dialogando entre o dimensionamento dos fenômenos da motricidade humana numa circularidade entre o todo e a parte que fundamentam a natureza epistemológica desse ensaio.

Algumas apostas hermenêuticas de investigação podem ser formuladas para conduzir a análise como: 1) nem todo movimento humano pode ser considerado motricidade em sua essência; 2) nem sempre a interpretação do movimento humano adentra a esfera da linguagem, e por assim dizer, esse seria o limite que diferencia a análise de movimentos de um corpo de motricidade humana, expressão da corporeidade; 3) o movimento, ao adentrar na esfera representativa, torna-se uma práxis denominada motricidade e, pela própria potencialidade humana, abre-se em leque de sentidos e possibilidades devido à intencionalidade; 4) é da natureza humana transcender as ações corporais que estão mais próximas da condição de subsistência e sobrevivência para a condição de transcendência, o que, *grosso modo*, permite o

¹ Doutorando e Mestre em Educação – UMESP. Prof. de Educação Física e Judô – PMSCS. Coordenador do Núcleo de Formação de Judô de SCSul. Membro fundador da REMoHC – Rede Educativa de Motricidade Humana e Corporeidade. Professor formador CECAPE - SCSul. Bolsista CAPES/PROSUP.

surgimento das expressões da arte, do esporte e demais práticas da cultura corporal de movimento; 5) As autênticas possibilidades do ser humano em movimento serão ignoradas se as estruturas básicas de explicação da motricidade estiverem fundamentadas na eficiência e utilidade do movimento do corpo, justificando a educação da ação humana somente para o trabalho produtivo e para o esporte competitivo, explorados como produto de consumo numa relação *corpo-objeto*; 6) é desafio da educação hodierna conduzir as experiências e vivências educativas numa dimensão que considere a motricidade um complexo sistema de expressão da corporeidade afirmando-a como tempo fundamental de desenvolvimento humano de maneira a ampliar a condição de apreciação do *ser-em-movimento*.

***Ser-em-movimento*: um léxico para o estudo da condição humana na motricidade**

Heidegger exemplifica que o *ser-em* difere da idéia inicial de algo contido em algum lugar como a água no copo, ou roupas no armário. “O *ser-em* significa, ao contrário, uma *constituição-do-ser* do *Dasein*², e é um *existenciário*” (HEIDEGGER, 2012, p. 173). Esse conceito, portanto não trata de delimitar uma relação espacial, um estar dentro de um determinado espaço. Trata-se de um modo de habitar junto, um *ser-em* e um “ser junto” ao mundo, especialmente vivido pela temporalidade que referência a espacialidade.

Lauand (2014, p. 208), ao referenciar Tomás de Aquino, afirma que “ser é acima de tudo, atividade, ato”. Josgrilberg (2014, p. 73) a partir de Julián Marías aponta que *ser* é a interpretação de algo, “é um modo de juntar diferentes coisas e sentidos” o que reforça a perspectiva de ser agindo para *mais-ser*.

Somando essa breve reflexão ao objeto de estudo da Ciência da Motricidade Humana (CMH) desenvolvido por Manuel Sérgio, importante e fundamental passo para efetivamente compor um estatuto disciplinar pelo qual se projetam possibilidades de análise e interpretação desta ciência, sugerimos o termo *ser-em-movimento*.

O esforço epistemológico de Manuel Sérgio, uma tarefa sem dúvida de enormes proporções, em certo sentido, torna instigante a compreensão da condição humana que essa ciência investiga, tornando sua apropriação possível somente a aqueles motivados a iniciar um esforço intelectual condizente com a dimensão de sua obra.

A partir de uma orientação hermenêutica, investigando a essência da motricidade humana com foco no seu objeto de estudo, extraímos e interligamos as conceituações teóricas tornando possível desvelar e formular o conceito de *ser-em-movimento*, permitindo apresentá-lo como uma terminologia de caráter norteador:

Porque a ciência se deve comunicar, o léxico respeitante à ciência da motricidade humana deve entender-se como trabalho de extremo relevo. Demais, o próprio labor científico já fabrica linguagem distinta da linguagem corrente, resultante das fronteiras que se estabelecem entre a prática científica e o senso comum. (SERGIO, sd d, p. 48)

No princípio das análises empreendidas a cerca das obras de Manuel Sérgio sugeriu-se o termo *ser-em-movimento* apenas para orientar a interpretação e, depois de um tempo de convívio, foi notório o quanto a terminologia conseguia, de fato, tornar visível e mais compreensível o objeto de estudo da motricidade humana.

² “Ser reside no ser-que e no ser-assim, na realidade, na subsistência, no consistente, na validade, no *Dasein*, no *dá-se*” (HEIDEGGER, 2012, p. 45). “Esse ente que somos cada vez nós mesmos e que tem, entre outras possibilidades-de-ser, a possibilidade-de-ser do perguntar, nós o apreendemos terminologicamente como *Dasein*” (HEIDEGGER, 2012, p. 47).

O *ser-em-movimento* interpretado em Manuel Sérgio

Manuel Sérgio, a partir da obra de Arnold Gehlen (1904-1976), um dos fundadores da moderna antropologia filosófica, coloca em relevo o fato de o humano saber a si mesmo como um “ser carente”, portanto visa a todo o momento “passar do reino da necessidade ao reino da liberdade” (SERGIO, sd b, p. 46). Assim, como não nasce como ser especializado faz-se necessário valer-se da *práxis*, “ele supera suas carências, agindo!” (SERGIO, sd b, p. 46). A carência e incompletude do humano, nessa abordagem, colocam-o na condição de “ser práxico” (SERGIO, sd b, p. 46)

O conceito de *ser-em-movimento*, resultado de uma hermenêutica sobre as obras de Manuel Sérgio em relação ao objeto de estudo da CMH, explora a definição do humano como ser práxico. Ao promovermos uma orientação e delimitação para o desenvolvimento das reflexões desse ensaio, tratamos de analisar os campos de interpretação da motricidade humana olhando para o ser que está em prática corporal, perguntando sobre o modo de acesso ao *ser-em-movimento* para então explorar as possibilidades educativas advindas dessa interlocução.

Ser-em-movimento não é um ser que está diante do mundo mas é parte do próprio mundo. Sua existência não é apenas biológica já que, consciente de sua carência e finitude, projeta-se na temporalidade, faz mover-se; assim “o homem é um apelo à transcendência e, como tal, um ser práxico que, na totalidade corpo-alma-natureza-sociedade e pela motricidade, procura transcender e transcender-se, visa o absoluto” (SERGIO, sd d, p. 26).

O projetar-se no mundo como condição de consciência do *ser-em-movimento* não se explica somente pela condição psicobiológica humana ou por análise de padrões de movimento. “O corpo tem uma intencionalidade dinâmica, que se dirige para as coisas e para os homens, com os quais compartilha o Mundo” (SERGIO, sd d, p. 29). O corpo em ato não é um conjunto de movimentos unicamente utilitários “...a motricidade surge e subsiste como emergência da corporeidade, como sinal de que *está-no-mundo* para alguma coisa, isto é, como sinal de um projecto” (SERGIO, sd d, p. 30).

Ser-em-movimento é condição de pertencimento do próprio *ser-no-mundo*. “Movo-me, logo existo: Há assim uma ínsita garantia de que a motricidade sugere aspectos essenciais da existência e é, com toda a certeza, a sua expressão mais imediata” (SERGIO, sd b, p.15). Ser e existir é *estar-no-mundo*, situar-se em espaço-temporalidade corpórea que se manifesta na motricidade. Trata-se de um estatuto ontológico que se radica na corporeidade em ato e em suas conjuntas expressões linguísticas. *Ser-em-movimento* é um estado de construção permanente numa dimensão complexa do existir. “Ser humanamente é agir para ser mais” (SERGIO, sd b, p 71).

O *ser-em-movimento* apresenta-se como expressão da autêntica essência humana, pois envolve as ações corporais numa dimensão que vai além das necessidades de execução técnica de determinados movimentos. Não é negar a necessidade de construção da técnica do movimento e sim situá-lo numa condição de sentido. A técnica corporal “não é um movimento qualquer, mas acções, isto é, movimentos intencionais e, portanto, com significado e sentido” (SERGIO, 2003, p. 43).

O *ser-em-movimento* também é a busca da superação e da expressão pela técnica. Será um equívoco querer abandonar o estudo, o treino e o ensino da técnica das práticas corporais por julgá-las execuções mecânicas desprovidas de propósito. O problema não é o treino da técnica e sim os sentidos e as intencionalidades que estão vinculados ao treino técnico dos movimentos corporais por vezes desconectados de contexto.

Se o *ser-em-movimento* repete suas ações em treino sem conhecer seu sentido, desrespeitando suas intencionalidades, desconsiderando os componentes de sua condição anatomo-fisiológica, desvinculado-as das circunstâncias sócio-históricas,

relacionais e valorativas, não se trata de um *ser-em-movimento*, mas apenas um fazedor de movimentos. Para *ser-em-movimento* é necessário buscar na técnica sentidos e valores que conduzam as vivências corporais na dimensão da linguagem. O treino de um corpo em movimento não deve encerrar-se só no treino do movimento, mas deve representar a ampliação das possibilidades do *ser-em-movimento* que fundamentalmente torne o ser cada vez mais ético, criativo, estético, solidário, lúdico e humanizado o que não ocorre, por exemplo, no processo de especialização precoce cujos sentidos devem ser questionados.

É necessário evidenciar que o *ser-em-movimento* eleva-se na condição de saber fazer, uma vez que, todo o repertório aprendido nos movimentos de diversas práticas corporais, portanto, os conteúdos das formas de mover-se, vêm sempre conectados com os sentidos que se juntam a eles. Nenhuma ação do *ser-em-movimento* pode ser vista só como técnica, por isso o processo hermenêutico da motricidade humana tende a desvelar o movimento da essência inserido no movimento da forma.

A motricidade, como vocação e pro-vocação, é, em certo sentido, ao mesmo tempo. O *ser* e o *ter* do desenvolvimento: o *ser*, porque o supõe (quem se movimenta procura normalmente *ser mais*); o *ter*, que nada tem haver aqui com os conceitos econômicos, políticos ou jurídicos de *propriedade*, pois significa *ter em mim*, poder *utilizar-me* ou *servir-me de*, porque é ela a garantir o dinamismo revelador e comunicativo da procura e conquista de *mais ser*. Ninguém é possível *ser* sem *ter*. (SERGIO, sd b, p. 111).

O *ser-em-movimento* não é somente um físico a ser analisado, mas “homens em movimento intencional para a transcendência” (SERGIO, 1999b, p. 216) que nada mais é do que “o homem movimentando-se com sentido e conteúdo - o conteúdo do desejo e o sentido da transcendência!” (SERGIO, sd b, p. 62). As possibilidades de *ser-em-movimento*, referindo-se como “...movimento intencional em direção ao mais-ser é visível de forma nítida, imparável, no desporto, na dança, na ergonomia e na motricidade terapêutica” (SERGIO, 1999b, p. 215).

O propósito último do *ser-em-movimento* é o desenvolvimento pleno da condição humana em direção a superação ou transcendência explorando as características da corporeidade e das experiências vividas e interiorizadas em todo tipo de prática corporal onde possa se expressar autenticamente.

A motricidade humana, segundo Manuel Sérgio (sd b, p. 109), supõe:

- 1) A existência de um ser não especializado e carenciado, aberto ao mundo, aos outros e a transcendência.
- 2) E, porque aberto ao mundo, aos outros e à transcendência, e deles carente, um *ser prático*, procurando encontrar (e produzir) o que, na complexidade, lhe permite a unidade e a realização.
- 3) E, porque *ser prático*, com excesso a uma experiência englobante, agente e fautor de cultura, projecto originário de todo o sentido. Não é ao nível do puramente animal, mas intrinsecamente cultural, que o Homem pode viver e sobreviver.

Assim entendemos o *ser-em-movimento* como o humano que se move de forma autoconsciente numa corporeidade em ato cuja intencionalidade volta-se para o

mundo circundante, ação de abertura de possibilidades na condição de *ser-no-mundo*, uma condição de múltiplas linguagens vividas em múltiplos sentidos. Seu modo de acesso exige a construção de um olhar que visa encontrar a essência do movimento inserido na forma do *mover-se*.

Do ato reflexo à motricidade humana: a respiração, a mão e a linguagem do corpo: dimensões do *ser-em-movimento*

O ser humano, como sabemos, é uma constituição corporal com enorme potencial de aprendizado. Desde o ventre materno, trata de organizar as condições dos movimentos corporais reflexos que serão colocados em ação para adentrar na esfera do novo mundo que está por vir, portanto, logo de início o ser é possibilidade.

Os reflexos do recém nascido aos poucos vão desaparecendo e/ou evoluindo para movimentos mais complexos e intencionais chamados de condutas motoras ou esquemas de ação. Os movimentos intencionais passam a configurar motricidade humana em sua essência ao adentrarem na esfera do movimento do “homem consigo mesmo, o homem com o mundo e do homem com os outros” (FEITOSA, 1999, p. 84).

Os movimentos involuntários do corpo, do ponto de vista do executante no momento do ato reflexo, não exploram as possibilidades humanas em sua essência já que não estão imbuídos de intencionalidade e orientação expressiva. Para que o movimento do corpo seja visto como motricidade humana é necessário humanizar-se, portanto dialogar com a cultura. O movimento humano precisa adentrar na esfera do sentido explorando o campo da representação, do simbolismo, da linguagem, da compreensão, da interpretação e da vontade. A prática dos movimentos se interliga com as suas representações que em conjunto configuram a *práxis* conduzindo a ação num certo sentido, caracterizados pela intencionalidade operante, assim é a motricidade humana.

Podemos tomar como exemplo a respiração como referência para compreender a essência da motricidade humana que, por sua vez, é um fenômeno muito particular. Além de marcar diretamente a vida em sua condição primordial, trata-se de uma ação que aponta para um controle consciente ou, melhor, que permite o desenvolvimento da consciência do próprio corpo.

A respiração traduz em grande medida as interações sujeito-mundo que podem ser observadas em outras ações humanas por sua extensão. A respiração é o movimento humano que expõe nossa incompletude, nossa necessidade de agir, nossa necessidade de busca, de ir além. Respirar, essência da vida, torna-se também a essência da motricidade, pois permite uma integração real entre as necessidades bio-fisiológicas com as possibilidades culturais, a passagem do sensível ao inteligível, ou seja, uma complexa complementaridade entre o reflexo, o movimento intencional consciente e o movimento transcendente, aquele onde, por ser dotado de sentido, permite formular conceitos e projetar-se além do campo da ação.

A passagem do reflexo do fenômeno ao fenômeno da essência representa o transito do imediato ao mediato, do particular ao geral - movimento esse que se impõe, ao longo da satisfação dia a dia renovada, pelo homem, das necessidades vitais. (SERGIO, sd a, p. 44)

A condição acima coloca a respiração humana em uma dimensão muito diferente das de outros seres, não humanos, que também respiram. O que de fato marca a linha entre um movimento respiratório e a motricidade respiratória do humano é seu controle consciente e a possibilidade de encontrar na ação um significado mais

amplo que o ato em si permitindo uma (re)construção do próprio ato, ou seja, uma *circularidade praxica*, também chamada de jogo de exercício ou, no caso da prática corporal sistemática um *treino significativo*.

Ao falar de motricidade humana assim Manuel Sérgio (sd b, p. 64) descreve:

No movimento emerge um acto essencial da motricidade, porque se situa no momento de saída da motricidade, quando esta, carregada de um espantoso potencial intelectual e afectivo, quer *dizer* alguma coisa. A motricidade é automanifestação do homem, tanto como universal singular, como singular universal, quer como acto originante, quer como operante. A motricidade é a personalização, humanização de todo o movimento. Poderíamos acrescentar, nesse passo, que também pela motricidade o ser humano é um “*sendo*” temporal.

O ato unicamente voltado à sobrevivência e subsistência não é suficiente para suprir a carência humana. O humano é um ser *buscador de sentido*, portanto a motricidade não se encerra no movimento do corpo, mas no complexo ato de *se-mover* como forma de expressão da corporeidade em relação ao mundo que o rodeia assim, não se trata só de satisfazer carências biológicas para manter-se vivo, é de fato necessário a construção da cultura que possa tornar a respiração, como todo e qualquer movimento do corpo, uma expressão da corporeidade formadora de identidade individual e coletiva. Assim: “O homem é um ser que se move por necessidade (para sobreviver) e por desejo (para criar)” (SERGIO, sd a. p.136.)

Existe então uma importante distinção entre entender a respiração do ser humano baseada na sua necessidade de sobrevivência, e o humano que respira na iminência do devir e do transcendente (*mais-ser*). Algumas culturas orientais, por exemplo, notadamente conscientes desse fato apresentam muitas formas de exercitar a respiração atribuindo-lhes diversos sentidos.³

Humano que respira, aspira⁴ algo e, portanto, inspira-se. Deseja ir em direção a alguma coisa, necessita doar sentido e transcender. A motricidade humana é exatamente essa condição, um *ser-em-movimento* em direção a *mais-ser* (SERGIO, 1999b, p. 215).

Assim como a motricidade respiratória tende a uma emancipação da relação do sujeito com o mundo, partindo da condição de movimento reflexo ao movimento transcendente, a mão humana leva-nos compreender a essência da motricidade que vai da utilidade da ação em direção a expressão da corporeidade, da superação das carências existenciais à representação do mundo e do trabalho, rumo ao universo da arte e do esporte, rumo à linguagem do corpo.

Ao liberar as mãos o homem também libertou sua motricidade. Com novas possibilidades de interação com o ambiente a mão humana constrói ferramentas tornado-as extensão de seu próprio corpo. A apreensão da mão na ação prática, função biomecânica, projeta-se nas significações onde o *ser* passa a apreender o mundo por sua motricidade, uma relação formada no vivido, no pensado e no sentido em todas as suas interpretações cuja mão é representante de toda a corporeidade.

Como nos diz Manuel Sérgio (sd a, p. 44.) “A passagem do sensível ao inteligível implica a mediação da prática e da linguagem”. Assim, a mão do reflexo, a

³ Vemos isso, por exemplo, no Yoga através do *pranayama* e na prática do Wu Shu. Para aprofundamento no tema veja o vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=amkJraCgIng>

⁴ No sentido de ansiar, desejar, buscar, projetar-se.

mão da ação, a mão do trabalho, a mão do artista, a mão do desportista, a mão da expressão, da linguagem e da comunicação compreendem a própria essência da motricidade humana.

Para olhar as possibilidades corporais contemporâneas é preciso questionar: quantos humanos estão diariamente entregues a ações cuja finalidade e sentido voltam-se somente a manutenção de condições de sua sobrevivência? Quantos são os que, por esse motivo, não podem exercer a liberdade de sua corporeidade e motricidade? Quantos podem, efetivamente, expressar-se criativamente e em transcendência ao projetarem as ações de suas “mãos” pela arte, pelo jogo, pela dança, pela ginástica e pelo esporte?

É evidente que aqui estamos utilizando a mão de modo metafórico porque, de fato, o corpo todo, na sua condição integral *corpo-alma-desejo-natureza-sociedade* (SERGIO, 2003, p. 36) é o fundamento da motricidade humana, ou, como apresentado num estudo anterior (SANTOS, 2014, p. 109), um *campo sistêmico* em forma de “sinergia das linguagens, um ajustamento de sistemas de decifração do mundo” (WUNENBURGER, 1990, p. 256) permitindo um modelo de pensamento que se refere a uma complexidade dinâmica, ou razão pluralizada, tornando possível um ordenamento multidimensional entre a ação, o sentido, a relação, o valor, a cultura e a história.

Mais do que preencher o espaço/tempo das necessidades vitais e de produção a motricidade humana transgride o ato intencional de causa-efeito adentrando na esfera da linguagem do corpo em busca de um sentido mais amplo do que o simples ato de fazer.

Ser-no-trabalho... sons. Sons do trabalho... ser-em-movimento

Vimos que a ligação da ação com o sentido é condição para interpretar um movimento corporal efetivamente como motricidade humana agora, para exemplificar a ligação da motricidade humana com a linguagem tomaremos como exemplo significativas formas de expressão da cultura corporal.

Vejamos a manifestação da cultura espanhola, parte do flamenco, chamada de *martinete* também conhecido com *canto a palo seco*, como exemplo para compreender o surgimento de uma autêntica forma de manifestação da motricidade humana, portanto, linguagem do corpo. Como conta a história, apesar de incerta, o *martinete* é produto do trabalho dos ferreiros *gitanos* (ciganos) dos bairros de Cádiz, Jeréz, Sevilla e Triana onde se encontrava *la fragua*, um tipo de forno movido por foles onde os metais eram forjados, aquecidos e colocados nas bigornas para serem moldados a golpes de martelo. O ritmo compassado dos golpes do martelo, acompanhados por cantos que muito lembram as orações de origem muçulmana, formou a ambientação do *martinete*. Nota-se nesse exemplo uma passagem bastante evidente da motricidade do trabalho para uma *sinergia de linguagens* em torno da motricidade e da corporeidade reunindo o canto com o ritmo e posteriormente a dança. Tal fenômeno proveniente do trabalho dos ferreiros tornou-se uma das formas de manifestações do flamenco entre tantas vertentes de estilo. Um ritmo de palmas e instrumentos de percussão associados ao canto e aos movimentos intensos e enérgicos dos passos dos bailarinos pelos pés⁵.

Outro exemplo interessante, e que serve para entendermos a condição própria da motricidade humana, em especial da condição de transformar a ação do trabalho em expressão corporal com um sentido mais amplo, são os cantos de trabalho. Essa

⁵ Veja os vídeos: La fragua del tio juane-caminos del flamenco. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=74U3ggKtYfA>
Martinete (A Palo Seco: Rasgos Flamencos). Em: <http://www.youtube.com/watch?v=zaVw-qG0zaU>

manifestação pode ser analisada na observação das lavadeiras do Vale de Jequitinhonha⁶. Podemos a partir daí compreender como o humano necessita transcender a condição, muitas das vezes repetitiva e monótona de trabalho, na direção de um sentido pra além da ordem produtiva.

A motricidade diretamente ligada ao trabalho, ou seja, a ergomotricidade (SERGIO, sd b, p. 156), na relação do corpo com o ambiente produtivo do humano, procura formas de expressão de sua potencialidade transcendente que envolve a corporeidade na dimensão da linguagem. É o encontro de um modo de falar com a gestualidade cujos sentidos não se encerram no domínio da palavra.

São muitos os exemplos que podem apontar a motricidade humana como linguagem assim destacamos também as manifestações de ritmos e danças de alguns grupos humanos dos povos africanos que transcendem a motricidade do cotidiano do trabalho⁷ para criar formas representativas e linguísticas como é o caso da utilização da água com instrumento percussivo⁸ pelas mulheres das ilhas Gaua ao norte da província de Torba no arquipélago de Vuanatu. Nesse último exemplo, a água, que deveria ser do ponto de vista bio-fisiológico útil apenas para atender as necessidades vitais, uma vez tenha satisfeito-as, não preenche a totalidade humana como ocorre com outros seres vivos. Para o *ser-em-movimento* é condição transcender do caráter útil das suas necessidades básicas para o caráter expressivo, criativo e comunicativo, ou seja, linguístico.

Essa mesma condição vale para os jogos populares e dos jogos populares aos esportes em geral, as danças, ginásticas, lutas e demais práticas corporais.

Na integração ação-sentido temos a linguagem, o fundamento da práxis humana

Não há como pensar na ação humana destituída de sentido. O humano é um ser-de-ação, um ser-de-busca e sua prática é um processo transformador integrado com o universo idealizador formando sentido e comunicando-se pela linguagem. Uma linguagem do corpo e de seus movimentos, como diz Manuel Sergio (1999a, p. 18) “O ser humano está todo na motricidade, numa constante abertura à realidade mais radical da vida”.

Um jogo, por exemplo, é um diálogo vivido por um grupo de jogadores que constroem seus discursos com seus corpos em movimento compreendidos entre aqueles que estão no diálogo do jogo e, em outras situações, partilhados por seus espectadores. Tanto isso é fato que, as crianças quando estão em processo de aprendizagem de um jogo valem-se muito da linguagem oral para se comunicarem e, uma vez dominada a linguagem da dinâmica do jogo e o conjunto de movimentos corporais relacionados, vão diminuindo o recurso da linguagem oral e seguem dialogando por seus corpos em movimento.

A linguagem é o elemento de ligação da ação corporal, do sentido, da relação interpessoal, dos valores atribuídos a todo o universo de ações em torno da cultura e da historicidade do *ser-em-movimento*.

Outro exemplo dessa perspectiva de entendimento é apresentada no editorial da revista HardCore, especial de 25 anos, com o título, “A essência do movimento”. A citação revela a perspectiva de um surfista ao explicar a relação do surf com a vida e

⁶ Veja o vídeo: Lavadeiras do Jequitinhonha - Projeto Cantos de Trabalho. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=X5qxLbtbCg4>

⁷ Veja o vídeo: Foli (there is no movement without rhythm) <http://www.youtube.com/watch?v=IVPLIuBy9CY>

⁸ Veja os vídeos: water drumming <http://www.youtube.com/watch?v=pEgJhfWKq4A>
BaAka water drumming http://www.youtube.com/watch?v=b_DX64N7AGg&list=RDpEgJhfWKq4A

nela observamos três elementos fundamentais da dimensão da práxis transcendente própria do *ser-em-movimento*, a temporalidade, a estética e a linguagem:

A inspiração está bem à nossa frente, em todos os segundos a cada abrir e fechar de olhos, a cada expressão, atitude, manobra, passo, palavra, gesto, pensamento. Somos artistas sim, porque estamos em comunhão com o Oceano e nele interagimos com o Universo. (VASCONCELOS, 2014, p. 22)

Como explicar uma vivência corporal autêntica num fenômeno temporalmente transitório sem considerar que o acesso a essência do *ser-em-movimento* é pela linguagem? Assim podemos afirmar que *ser-em-movimento* e o mesmo que dizer *ser-de-linguagem*. Por ela torna-se possível a compreensão da essência dos diálogos corporais com o mundo. “O mistério da linguagem é sua abertura. Qualquer um é capaz de encontrar a palavra correta para situações nunca calculáveis e para instantes imprevisíveis” (GADAMER, 2009, p. 37). A motricidade é um discurso temporal que se desvanece em fluidez. Seu acontecimento espacial vai se dissolvendo na temporalidade, tal como numa música cujos sons surgem e se vão. Encontrar o discurso da experiência do corpo em ato trata-se de um exercício hermenêutico considerando a linguagem como modo de preservação desse discurso, mantendo-o vivo permitindo assim um contínuo *estar-sendo*. Nessa perspectiva não existe então uma educação do físico e sim a educação das múltiplas linguagens corporais expressas na motricidade já que o movimento de um corpo é carregado de sentido, atravessa a temporalidade preenchendo a “clareira” das diversas possibilidades de *ser-no-mundo* no seu projeto de existir, pois “a linguagem é uma faculdade (potência humana) segundo a qual o ser humano dispõe e entrelaça sua presença ao sentido da realidade através de signos...” (JOSGRILBERG, 2014, p. 17).

É lamentável saber que a recuperação do discurso do *ser-em-movimento* tem sido em sua maioria feito por medidas estáticas de controle do tempo e do espaço transformando a experiência vivida numa materialidade coagulada.

Homo faber, homo ludens, homo artisticus, homo sportivus: sentidos do ser-em-movimento subjugados pelo homo oeconomicus

Na plenitude de sua corporeidade o humano aprende, trabalha e produz, mas a ergomotricidade não esgota a potencialidade humana do *ser-em-movimento*. Porém, do trabalho humano desenvolve-se um saber prático transformador que, ao receber sentido e valor, vai constituindo cultura assim como também a reflete. A natureza da ergomotricidade em parte está para solucionar as necessidades de sobrevivência e, por outra, para atender a necessidade criativa, expressiva, transformadora e formadora das identidades individuais e coletivas.

Na atualidade essas dimensões estão sobrepujadas pela necessidade produtiva e de consumo que, em certa medida, tornam a motricidade um processo de alienação passando a destituir o humano de seu movimento próprio, de sua essência e de seu projeto. O *homo faber* muito tem a ver com o *homo esportivus* diante desse fato. O sentido produtivo do *ser-em-movimento* conduz ao processo de acumulação de bens e riquezas onde o corpo e a motricidade são explorados num sujeito que se destitui de si mesmo. O corpo-objeto no consumo é consequência da razão produtiva do *ser-em-movimento*.

Mas, como pode a condição natural humana de desejabilidade ao transcendente, livrar-se das “amarras” do *ser-produtivo* que, ao assentar-se no *homo faber*, transita na formulação de conceitos e sentidos que, na atualidade, pressupõem o

homo sportivus, dominados pelo mundo do *homo oeconomicus*? Mais que isso, como as experiências educativas estruturadas num projeto que visa proporcionar a potencialização do *homo ludens e artisticus* pode assentar-se? Como podem dialogar esses contrapontos de intencionalidade?

Vemos a motricidade humana “brilhar” nos corpos dos atletas nos maiores eventos esportivos mundiais, retratando o paradoxo de um universo de outros tantos corpos segregados e, não tão brilhantes como os dos atletas, vivenciando o cotidiano de seu *ser-em-movimento* na condição de subsistência que, pela impossibilidade de projetarem-se em sua própria identidade transcendente, contentam-se em serem representados na simbologia promovida pelos corpos/deuses/celebridades, ou seja, uma projeção identitária que provoca significativamente os propósitos educativos da Educação Física.

A humanidade contemporânea não mais se identifica com o primeiro grande sistema de significação mágico-religioso da antiguidade (SANTIN, 1990, p. 23) onde tudo era explicado e controlado pelos seres divinos, mais, em eventos como esse, parece que a humanidade retorna a condição de espelhar a necessidade do transcendente a partir da motricidade simbolizada nos grandes espetáculos esportivos.

Sendo a essência de um projeto de *ser-em-movimento* a ação com consciência e sentido em busca da superação e, como grande parte da população humana tem sido destituída dessa condição, a impossibilidade de construção de seus próprios significados em torno de suas experimentações corporais, “aceita” a veiculação de sentidos nos quais podem projetar-se.

Cabe uma pergunta, afinal: qual o sentido do esporte?

E a motricidade humana, expressão da corporeidade e formadora da linguagem, torna-se nesse panorama um produto a ser explorado por grandes corporações. Essas se dedicam a construir um *ilusionismo linguístico*, porque verdadeiramente o produto corporal expresso na motricidade não lhes pertence, e sim ao humano, qualquer ser humano que deseje *ser-em-movimento*. Essas corporações não deveriam ser as portadoras das potencialidades humanas expressas na motricidade, mais são excepcionalmente hábeis na exploração linguística desse fenômeno em torno da busca de audiência num entretenimento extasiante, consecutivamente, do lucro. Criam-se eventos onde o espectador tende a identificar-se, pois, quem não se encanta com o poder extraordinário dos corpos dos atletas que dominam tão brilhantemente seus movimentos, e, nessa imersão da linguagem encantadora do corpo seguem crescentes as desigualdades sociais e o descaso humano que destituem o projeto pessoal e coletivo autêntico do *ser-em-movimento*. O fenômeno do encantamento pelo futebol pode ser exemplo:

Pero, en nuestros días, los grandes partidos de fútbol sirven sobre todo, como los circos romanos, de pretexto y desahogo a lo irracional, de regressión del individuo a su condición de parte de la tribu, de pieza gregaria en la que, amparado en el anonimato cálido de la tribuna, el espectador da rienda suelta a sus instintos agresivos de rechazo del otro, de conquista y aniquilación simbólica (y a veces hasta real) del adversario. (LLOSA, 2012, p.40)

O que permite esse processo acontecer é, nessa análise, a reduzida capacidade do humano em compreender e sentir a essência da motricidade tomando como especial referência suas **vivências pessoais conscientes** dentro de um programa educativo cuja finalidade é interpretar as múltiplas linguagens do *ser-em-movimento* para a construção da **apreciação da motricidade humana**.

Considerações Finais

Apresentamos uma análise sobre a motricidade da respiração trazendo a idéia de que o ser que respira aspira algo e por ai inspira-se, atendendo a condição de *vir-a-ser*. No entanto, quando a análise chega à dimensão do campo histórico-cultural vemos como o mercado econômico e seus interesses particulares se apropriam das festas do esporte para tratá-los como grande negócio, uma espécie de “desimbolização generalizada” (LIPOVETSKY, 2007, p.340).

Nesse sentido a educação tem papel fundamental na formação de uma corporeidade autêntica, na qual seja garantido o direito de vivenciar a motricidade com liberdade, de forma que construa sentidos e que estes sejam parte e garantia do processo de desenvolvimento individual e coletivo do potencial humano. A educação pode fazer brilhar muitos corpos e ajudar a harmonizar os componentes linguísticos e estéticos de seus movimentos e não tão somente os corpos de outros humanos que são, em parte, explorados por um sistema que visa o ganho econômico e o poder político.

A educação pode e deve ser um espaço de resistência e esclarecimento. Ela precisa ser a garantia da elevação do humano por seu projeto de *ser-em-movimento*, mas tem servido para distraí-lo com tarefas efêmeras, na grande maioria dos casos com sentidos obscuros, indefinidos e desconhecidos.

A cultura corporal do movimento tem uma enorme quantidade de práticas que traduzem a potencialidade humana criadora. A questão hodierna reside na obscuridade de sentidos que essas práticas recebem somadas a uma irrefletida atividade pedagógica reprodutora dessas obscuridades. Apontamos para a necessidade emergente da Educação Física escolar voltar-se para a (re)significação e (re)construção de suas práticas didáticas a partir do entendimento do conceito de *ser-em-movimento*.

Defendemos assim a tese da compreensão da motricidade humana por *campos sistêmicos*⁹ com o propósito de elucidar as obscuridades de sentido revelando toda a riqueza do projeto do *ser-em-movimento*, o que permite propiciar elementos de análise em direção a expressão máxima dos valores humanos materializados no corpo em ato.

Ao olharmos para as atividades corporais a partir desse modelo interpretativo localizamos o humano na práxis, pois consideramos os exercícios, os jogos, os esportes, as danças, as lutas e todas as demais práticas corporais humanas como projeto de sentido onde as intencionalidades de seus praticantes formam, em seu conjunto, a essência de uma linguagem muito própria do humano, a linguagem do *ser-em-movimento* construída nos modos relacionais estruturados nessas vivências e seus valores relativos, que nada mais são do que produtos da cultura fluindo em uma historicidade.

Com o modelo de campos sistêmicos é possível adentrarmos na construção de um projeto filosófico/pedagógico/antropológico que permite integrar a excelência do ensino da técnica com o desenvolvimento humano em direção a estética, fazendo uma junção entre os fenômenos corporais da forma, da essência, do valor, das relações e das circunstâncias discriminados pelos campos de ação, de significação, valorativo, relacional e histórico/cultural, integrados e compreendidos numa circularidade sistêmica.

Nesse modelo interpretativo pensamos ser possível fazer frente a toda a gama de destituição do humano diante de sua própria motricidade e corporeidade, bem como da desapropriação coletiva do projeto de *ser-em-movimento* que foi tomado de superficialidade e de pobreza de sentido.

⁹ Em referência ao artigo Hermenêutica da motricidade humana que analisa a compreensão a partir de campos sistêmicos: CA – Campo de Ação, CS – Campo de significação, CV – Campo valorativo, CR – Campo relacional e CHC – Campo histórico cultural. (SANTOS, 2014)

Os campos sistêmicos da motricidade humana orientam o projeto educativo do *ser-em-movimento* como *ser-de-linguagem*, tese que aponta a educação como processo formador, no qual, pelas experiências promovidas na práxis pedagógica, a hermenêutica surge como o método promotor da apreciação da motricidade humana, permitindo a construção de seres cuja expressão da corporeidade seja plenamente capaz de respirar aliviada.

Referências

- FEITOSA, A.M. Alguns princípios paradoxos e equívocos. In: SERGIO, M. et al. **O sentido e a acção**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1999.
- GADAMER, H.G. **Hermenêutica em retrospectiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. Edição bilingue, tradução: Fausto Castilho.
- JOSGRILBERG, R. O mito, uma interpretação metafórica. In: JOSGRILBERG, R; LAUAND, J. **Estudos em antropologia e linguagem**. São Paulo: Factash Editora, 2014.
- LAUAND, J. Introdução a Tomás de Aquino. In: JOSGRILBERG, R; LAUAND, J. **Estudos em antropologia e linguagem**. São Paulo: Factash Editora, 2014.
- LIPOVESTKY, G. **La felicidad paradójica**. Barcelona: Editora Anagrama, 2007.
- LLOSA, M.V. **La civilización del espectáculo**. Col. Acácias, México: Prisa Ediciones, 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- SANTIN, S. **Educação Física: outros caminhos**. Porto Alegre: EST, 1990.
- SANTOS, S.O. **Hermenêutica da motricidade humana**. Revista Internacional d'Humanitats. CEMOrOc – EDF-FEUSP, Ano XVII, n. 30, jan-abr 2014, p. 107 – 118.
- SÉRGIO, M. **Filosofia das actividades corporais**. Lisboa: Compendium, sd a.
- _____. **Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem**. Lisboa: Compendium, sd b.
- _____. **A prática da Educação Física**. Lisboa: Compendium, sd c.
- _____. **Motricidade Humana: contribuições para um paradigma emergente**. Lisboa: Instituto Piaget, sd d.
- _____. A racionalidade epistêmica da Educação Física do século XX. In: SERGIO, M. et al. **O sentido e a acção**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999a.
- _____. **Um corte epistemológico. Dá educação Física à motricidade humana**. Lisboa: Ed Instituto Piaget, 1999b.
- _____. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- _____. **Crítica da razão desportiva**. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.
- VASCONCELOS, A. Espírito. **Revista Hardcore**. Ano XXV, n. 295, maio de 2014, p.22.
- WUNENBURGER, J.J. **A Razão contraditória – ciências e filosofia modernas: o pensamento do complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

Recebido para publicação em 22-08-14; aceito em 21-09-14